

MACHADO DE ASSIS: A PROSA HILARIANTE

Ildo Carbonera ¹

RESUMO

Muitos autores didáticos estudiosos do mundo machadiano aceitam pacificamente os adjetivos cético e pessimista, como definidores do tom que acompanha a maior parte da obra do autor de **Dom Casmurro**. Discordamos, valendo-nos dos discursos apresentados por cientistas, políticos, oradores de sobremesa e escritores ao longo da ficção machadiana - de **Contos Fluminenses** a **Memorial de Aires**. Há ali, explícita ou implicitamente, as mais diversas possibilidades e manifestações de uma “prosa hilariante”, distante da famigerada “prosa melancólica”. Cético e desabusado, sim, como está lá no conto “Teoria do Medalhão”; mas não cético e pessimista, como está na maioria esmagadora dos livros didáticos. A atitude do escritor e as formas de apresentar seus meios expressivos fazem lembrar das palavras de Adso, no romance **O nome da rosa**, de Umberto Eco: Guilherme, ao contrário, ria só quando dizia coisas sérias, e se mantinha seriíssimo quando presumivelmente estava zombando. A palavra “presumivelmente” merece uma atenção especial. Ela está aí, como está uma palavra num conto, num poema, por exemplo, a despertar a imaginação, a criatividade, as impressões na interpretação do público leitor. No artigo “Ideal do crítico”, o ensaísta Machado de Assis alertava: Pode-se, é verdade, fascinar o público, mediante uma fraseologia que se emprega sempre para louvar ou deprimir; mas no ânimo para quem uma frase nada vale, desde que não traz uma idéia – esse meio é impotente e essa crítica negativa (Machado de Assis, **Crítica literária**).

Palavras-chave: Literatura - Machado de Assis - ciência - política - oradores de sobremesa – escritores.

*Em Caguaçu os revolucionários. Em São Tiago os legalistas. Entre os dois indiferente o Rio Jacaré.
[Alcântara Machado, Guerra Civil]*

1. Notas preliminares

¹ Ildo Carbonera é professor de Letras da Unioeste/PR, doutor em Literatura Brasileira (UFRGS), cronista e ensaísta. Futuramente, sitiante e roteirista de cinema. carbonera@unioeste.br

O presente ensaio, agora revisado, foi elaborado para a disciplina *LD - O conto de Machado de Assis*, ministrada pelo professor doutor Luís Augusto Fischer, no primeiro semestre de 2004, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFRGS.

De certa maneira, o presente ensaio segue o destaque entre parênteses, das páginas oito e nove, do artigo “Crônica dos vinte anos: estudo sobre as crônicas editadas em 1859”, de autoria do ensaísta Luís Augusto Fischer: não importa a grandeza, a qualidade ou a fama dos textos analisados, mas, sim, o fato de oferecerem material para o desenvolvimento dos raciocínios e das idéias aqui apresentadas: *a prosa hilariante*, ou, *desgraças machadianas que fazem rir*.

Em seu livro **O poema do haxixe**, na parte “I. O vinho”, Charles Baudelaire comenta sobre a publicação de um tratado a respeito do verbete “vinho”. O texto abre com as seguintes palavras:

Um homem muito famoso que também era um grande imbecil, coisas que, ao que parece, combinam muito bem entre si como talvez tenha o doloroso prazer de demonstrá-lo mais de uma vez, num livro sobre a Gastronomia... (p. 25).

Lido o capítulo, *as desgraças que fazem rir* revelam-se soberanas. Logo adiante, encontramos uma máxima - utilizada em outros ensaios - apresentada pelo teólogo e escritor suíço Johann Kaspar Lavater (1741-1801), assim vista nas palavras de Baudelaire:

Ah! caros amigos, não leiam Brillat-Savarin. Deus preserve aqueles aos quais quer bem das leituras inúteis (p. 26).

O senhor Brillat-Savarin é o autor do tratado gastronômico a respeito do verbete “vinho”. Vale a pena ler.

Na abertura do conto “O espelho”, de Machado de Assis, o quadro é praticamente o mesmo:

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos... estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo (p. 259).

Em seu artigo “Rabelais e a história do riso”, Mikhail Bakhtin fala a respeito de algumas festas religiosas, típicas da Idade Média, como Festa dos Loucos, Festa do Asno, Missa do Asno, entre outros, como o riso de Natal, o riso pascal. Selecionamos uma passagem dedicada à Missa do Asno:

No fim da cerimônia, o padre, à guisa de bênção, zurrava três vezes e os fiéis, em vez de responderem “amém”, zurravam outras três” (p. 67).

Esses eventos e juízos medievais e antigos podem ser associados a certas histórias envolvendo personagens, falantes e ouvintes, presentes na ficção de Machado de Assis, como veremos no desenrolar do presente ensaio. Mas, em nenhum momento soam como válvulas de escape, lei da compensação, subterfúgio, alívio para certos males etc.

Talvez possamos afirmar que a “guerra civil”, prevista no conto de Antônio de Alcântara Machado, envolvendo os revolucionários e os legalistas, ocupe o lugar dos sonhos e das ambições ligadas à política, às letras (poetas, dramaturgos, contistas, romancistas e oradores de sobremesa) e à ciência, encontrados em personagens de contos e romances de Machado de Assis; a “indiferença” do rio pode ser representada pela leveza, maturidade, cordialidade e singularidade do autor-narrador, diante das tragédias individuais dos ambiciosos machadianos. A ausência de vírgulas, diriam alguns, é gritante.

Adiantamos que a “prosa hilariante” envolve casos que circulam entre a seriedade e o riso, a ambição e o desencanto, em contos e romances do Bruxo do Cosme Velho. O fragmento abaixo, desfecho do conto “O empréstimo”, do livro **Papéis avulsos**, é esclarecedor:

Com a mão esquerda no bolso das calças, ele aperta amorosamente os cinco mil réis, resíduo de uma grande ambição, que ainda há pouco saíra contra o sol, num ímpeto de águia, e ora habita modestamente as asas de frango rasteiro (p. 242).

Em outros contos de Machado de Assis, a “águia” é substituída por um “leão impetuoso” ou “gavião”; no outro extremo, encontramos o “cordeiro pacato” e a “pomba”, substitutos do “frango rasteiro”. Esses paradoxos desfilam regularmente pela ficção do autor de **Quincas Borba**.

Diríamos que os ambiciosos, nos primeiros passos das suas carreiras, interessados em política, letras e ciência, constituem o primeiro grupo: promissor, sério, decidido, impetuoso; o segundo grupo é constituído pelas “desgraças que fazem rir”. Alertamos que não há nenhuma possibilidade de separá-los.

Onde estiver o leão impetuoso, aí estará o cordeiro pacato, e assim por diante. Os *tesouros* não foram vistos ou encontrados em seus corações nem em suas mentes.

2. Políticos

Os “leões impetuosos”, revelados “cordeiros pacatos”, estão representados por Luís Tinoco, na política – “Aurora sem dia”, José Cândido – “Um ambicioso” e Romualdo – “O programa”.

Na apresentação de cada um deles, o narrador não poupa elogios nem disparates, vistos por entre os risos de um leitor atento. Quanto a Luís Tinoco, destacamos a passagem abaixo:

Desde aquele dia, sinceramente acreditou que tinha uma missão, que a natureza e o destino o haviam mandado à terra para endireitar os tortos políticos (p. 193).

Gouveia, de **Esau e Jacó**, era amanuense, poeta e oficial, conforme destacado no próximo item. Seguindo os passos do colega, além de poeta, Romualdo era político sonhador de primeira grandeza. Lemos os comentários do narrador:

... com o olhar fito no ar, e uma certa ruga na testa, antevia todas essas vitórias, desde a primeira décima poética até o carro do ministro de Estado (p. 295).

O detalhe e o charme da ruga na testa fazem lembrar de duas cenas, citadas alhures: o rapaz do nariz comprido (o pianista) e o autor do nó de gravata mais teso e correto de 1850 (o bacharel Duarte).

Em José Cândido, a ambição revela-se mais destemida e imperiosa, conforme revelam as palavras a seguir:

José Cândido saiu da casa do capitão certo de ver o seu nome proclamado aos quatro ventos do universo... Seus olhos pareciam dizer às esquinas, aos prédios, às calçadas das ruas: Vê-de: este é um dos bem-aventurados da terra! (p. 173).

Vale lembrar, aqui, dos conselhos e alertas confidenciais por Camacho a Rubião, no romance **Quincas Borba**.

Em política, disse ele, uma coisa de nada desvia o curso da campanha e dá vitória ao adversário (...). Ah, meu caro Rubião, isto de política pode ser comparado à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; não falta nada, nem o discípulo que nega, nem o discípulo que vende. Coroa de espinhos, bofetadas, madeiro, e afinal morre-se na cruz das idéias, pregado pelos cravos da inveja, da calúnia e da ingratidão (pp. 216-7).

O “leão impetuoso” que habitava os interiores de José Cândido revelava-se um verdadeiro “cordeiro pacato” graças às palavras dele próprio. Em plena campanha eleitoral, as circunstâncias e os fatos apresentam-se dos mais diversos, e hilariantes. O esperançoso mancebo, no auge das suas certezas, assim pensava, visto pelo narrador:

José Cândido, vendo quinhentos, mil, duas mil cédulas manuscritas, imaginara que eram outros tantos votos, e figurava já o efeito de seu nome impresso com o algarismo dos votos adiante. Nunca mais fora à casa do capitão. Este, duas ou três vezes mandou-o chamar; uma vez chegou a procurá-lo, mas não o encontrou; deixou um recado, inútil (p. 189).

Vale salientar que o capitão era homem forte e influente no mundo da política local e regional. Mas, como explicar a José Cândido?

Nos momentos de angústia, indecisão, incerteza e mesmo de desespero, José Cândido chegou a sacrificar alguns mil réis, intensificando a propaganda. O que os leitores podiam ler nos jornais da época, desconfiando ou não, eram as palavras do próprio candidato, apresentadas primeiramente assim:

ELEITORADO

Recomendamos o nome de um jovem cheio de serviços e de incontestável aptidão: o Sr. José Cândido.

Um do povo (p. 190).

Desconfiado, o rapaz matutava algumas coisas e acabava apresentando novidades. Os eleitores, agora, podiam ler:

AO POVO!

Votemos no Sr. José Cândido, uma das esperanças da mocidade e um dos fluminenses mais dignos por seus serviços e modéstia.

Justus (p. 190).

Num momento de desespero, mesmo de crise maior, o candidato permitia aos leitores e eleitores vislumbrarem um novo quadro:

ÀS URNAS

Os homens honestos, amigos do talento e reconhecidos aos verdadeiros serviços, têm um candidato certo, que sairá eleito, porque felizmente goza da mais vasta popularidade na paróquia: o Sr. José cândido. Às urnas! Às urnas!

Um que não falta (p. 190).

José Cândido não dormiu naquela noite, anterior às eleições. O quadro daquela manhã, do *momento fatal*, revelava-se assustador, não aos olhos do jovem candidato. Diz o narrador:

Pelos seus cálculos tinha quinhentos votos certos; a estes deviam acrescer uns duzentos votos de simpatia, ou pessoal ou produzida pelas mofinas dos jornais. Vários amigos ainda lhe filaram alguns mil réis, que ele entregou em dobro, para fortalecer as opiniões (p. 191).

Diante dos 37 votos recebidos, José Cândido era o espelho do fracasso, da frustração, do desencanto. Estava arrasado, arruinado. Mas, num instante, num passe de mágica, podemos ler assim, as palavras derradeiras:

José Cândido parecia inchar, subir, trepar as eminências; sentia-se superior. Seus olhos derramavam um olhar satisfeito ao passado. Depois concertava a gravata, a mais e mais amarela, com o gesto de um homem que preencheu seus destinos; puxava o colete para baixo com outro gesto sacudido, rápido, imperioso. E o resto do dia era um deleite, uma vida luminosa, dourada, juvenil... Pobres mortais! Até a ambição é caduca (p. 198).

3. CIENTISTAS

Haveria razões suficientes para quem desconfiasse da presença desses “cordeiros pacatos” disfarçados de “leões impetuosos” apenas nos contos machadianos anteriores a **Papéis avulsos**; muito mais para quem ainda insistisse naquelas duas tão didáticas e confortáveis fases de Machado de Assis. Cortes epistemológicos dessa natureza não interessam ao presente ensaio.

No conto “Galeria póstuma”, do livro **Histórias sem data**, de 1884, vamos encontrar a história de vida e morte de Joaquim Fidélis. O conto concentra-se entre os anos de 1842 - a formatura em direito, e 1879 – o seu passamento. Depois de sua morte, seus amigos encontram um “livro de anotações”; melhor chamá-lo de diário. Todos estavam lá, vistos pela imparcialidade do finado. O amigo Galdino Madeira apresentava-se assim, aos olhos de Joaquim:

O melhor coração do mundo e um caráter sem mácula; mas as qualidades do espírito destroem as outras (p. 98).

Numa primeira leitura, as informações mostram-se truncadas, ambíguas – o elogio e o disparate, juntos. Conforme prosseguimos, a figura de Galdino descortina-se ao tom da ironia, do riso e da objetividade:

Há no cérebro dele um certo furo, por onde o espírito escorrega e cai no vácuo. Não reflete três minutos seguidos... Os “dentes da calúnia”

e outras expressões, surradas como colchões de hospedaria, são os seus encantos (p. 98).

Em seu artigo “Contos de Machado: da ética à estética”, Luís Augusto Fischer observa:

... a ciência se transforma, na mão do autor, em objeto de indagação e, feitas as contas, em fator de desolação: porque nem a ciência poderia servir como novo paradigma civilizatório, capaz de serenar os ânimos da humanidade, de vez que também ela se converte no contrário da liberdade, encarcerando ou, no limite, matando o cientista (p. 163).

No universo do presente ensaio, a “desolação”, de parte do leitor, viria da ausência de profundidade, dedicação e seriedade das pesquisas e discursos dos cientistas ora destacados.

Nessa tentativa de descobrir pistas que nos levem à *prosa hilariante*, podemos afirmar que a estratégia de revelar sentimentos, razões e opiniões nas palavras de um diário do senhor Joaquim Fidélis, que se revela na voz de um defunto, pode ser reveladora. Diríamos assim: os leitores do diário de Galdino Madeira assumem o lugar dos leitores da ficção do Autor. Aqueles ficam sabendo da verdade lendo o diário “depois” da morte do seu autor; estes, lendo as entrelinhas, vendo o leão e o cordeiro, a águia e o frango, o gavião e a pomba – juntos -, geralmente numa segunda ou mesmo terceira leitura. As exclamações seriam as mesmas: Ah! – a confirmação; Ah? – o espanto.

Este “certo furo” pode estar na cabeça de outros cientistas, pesquisadores e/ou filósofos. Basta observar as conclusões e as máximas apresentadas em seus discursos e relatórios.

No conto “Capítulo dos chapéus”, o bacharel Conrado Seabra apresenta filosófica e cientificamente seus pontos de vista a respeito do chapéu:

- A escolha do chapéu não é uma ação indiferente, como você pode supor; é regida por um princípio metafísico (p. 109).

Diante das solicitações ou oscilações da esposa, para que trocasse o chapéu velho por um novo, em um tom irônico, marcado sutilmente pela esperteza e uma espécie de zombaria, ele insiste, resoluto e certo:

- O princípio metafísico é este: - o chapéu é a integração do homem, um prolongamento decretado *ab eterno*: ninguém o pode trocar sem mutilação (p. 109).

Segundo Conrado, nenhum grande cientista ou estudioso deu atenção à metafísica do chapéu. Cada vez mais convencido da sua teoria metafísica, conclui:

... Quem sabe? Pode ser até que nem mesmo o chapéu seja complemento do homem, mas o homem do chapéu (p. 110).

Não ao tom da senhora Veleidade, em “D. Benedita”, talvez aproximado, lemos o desfecho da intriga, na voz da esposa, Mariana, ao ver o marido de chapéu novo:

- Escuta uma coisa, respondeu ela com uma carícia divina, bota fora esse; antes o outro (p. 128).

Um outro cientista que desfila pela ficção machadiana é Fulgencius, do conto “Ex-cátedra”. Nascido e batizado Fulgêncio, passou a chamar-se Fulgencius, assim explicado pelo narrador:

Pior que cego, ficou aluado. Foi pelos fins de 1873, na Tijuca, que ele começou a dar sinais de transtorno cerebral; mas, como eram leves e poucos, só em março ou abril de 1874 é que a afilhada lhe percebeu a alteração (p. 261).

(Diante do ano de 1873, certos empiristas brasileiros ou ingleses, estudiosos de Machado de Assis, despontariam eufóricos e exclusivos a proclamar: Fulgencius leu **Contos fluminenses!!!** Quanto a **Histórias da meia-noite**, por ser de 1873, o trabalho investigativo pode tornar-se um pouco mais complicado).

A tal alteração provinha de certas características do pensador e pesquisador, pois

Fulgencius vivia do escrito, do impresso, do doutrinal, do abstrato, dos princípios e das fórmulas (p. 262).

Dedicado aos princípios e fins da sua pesquisa, passou da superstição à alucinação. A *prosa hilariante*, aqui, assim se apresenta:

De outra ocasião, meteu-se a estudar nos livros a anatomia dos olhos, para verificar se realmente eles podiam ver, e concluiu que sim (p. 262).

Caso Machado de Assis estivesse tratando da ciência, séria, o condicional “se” seria substituído pelo interrogativo “como”, talvez.

Fulgencius não está sozinho. No conto “Aurora sem dia”, vamos encontrar Luís Tinoco, portador das mais promissoras e brilhantes carreiras: político, pensador, cientista, filósofo e poeta. Esta estudaremos no item 6.

Nos sonhos, planos e realizações do jovem e promissor político Luís Tinoco, podemos encontrar algumas cenas hilárias, em atos e/ou palavras, como as que seguem:

Inauguraram-se enfim os trabalhos. Tão ansioso estava Luís Tinoco que logo nas primeiras sessões, a propósito de um projeto sobre a colocação de um chafariz, fez um discurso de duas horas em que demonstrou por A+B que a água era necessária ao homem (p. 200).

Não saberíamos informar se as palavras acima soariam melhor na boca de um político, filósofo, pensador, cientista, ou quem sabe na de um poeta do tempo. Para provar a importância e a necessidade da água, bastaria o discurso de um político. Mas, como e onde ficariam os anos de pesquisa, dedicação e sacrifício, necessários para chegarmos a conclusões revolucionárias e estupefacentes, que passem o mundo da ciência, da literatura, da política etc?

4. Oradores de Sobremesa

No conto “Teoria do Medalhão”, podemos ler:

... para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento... frases feitas, locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos incrustadas na memória individual e pública. (p. 109).

Os conselhos daquele pai foram ouvidos e aplicados nas mais diversas e diferentes situações, tanto por escritores e políticos quanto por oradores de sobremesa. Destacadamente, os poetas estarão representados pelo senhor Luís Tinoco; os ficcionistas pelos senhores Xavier, coronel Borges e Lopo Alves; os oradores de sobremesa, pelo major Brás e pelo senhor tenente Porfírio. Não estamos certos a respeito de prováveis intromissões, afinal lidamos com vários “leões impetuosos”.

No conto “Valério”, o narrador adianta algumas informações a respeito do orador de sobremesa:

O orador de sobremesa é um tipo universal; entre nós tem já alcançado uma posição sólida e brilhante (p. 15).

Já em “As bodas de Luís Duarte”, a figura do orador de sobremesa vem representada na pessoa do tenente Porfírio, em palavras reveladoras do narrador:

O tenente Porfírio era o tipo de orador de sobremesa; possuía o entono, a facilidade, a graça, todas as condições necessárias a esse mister. A posse de tão belos talentos proporcionava ao tenente Porfírio alguns lucros de valor; raro domingo ou dia de festa jantava em casa. Convidava-se o tenente Porfírio com a condição tácita de fazer um discurso, como se convidava um músico para tocar alguma coisa. O tenente Porfírio estava entre o creme e o café; e não se cuido que era acepipe gratuito; o bom homem, se bem falava, melhor comia. De maneira que, bem pesadas as coisas, o discurso valia o jantar (p. 99).

Este “bom homem” é que levou Beatriz, a senhora bondosa da vez, a exclamar, comovida:

- Fala muito bem! Parece um dicionário! (p. 78)

Já o pai da noiva e anfitrião, José Lemos, diante das palavras do tenente Porfírio, vamos encontrá-lo assim, nas palavras do narrador:

José Lemos curvou a cabeça até tocar com a ponta do nariz numa pèra que tinha diante de si (p. 78).

Que palavras teria proferido o tenente Porfírio, para causar tamanha comoção, júbilo e encantamento? Dúvida atroz, difícil escolha, entre tantas. Ficamos com as que antecedem às reações do senhor Lemos e da senhora Beatriz:

- Minhas senhoras! Meus senhores! disse Porfírio; não irei esquadrinhar no âmago da história, essa mestra da vida, o que era o himeneu nas priscas eras da humanidade. Seria lançar a luva do escárnio às faces imaculadas desta brilhante reunião. Todos nós sabemos, senhoras e senhores, o que é o himeneu. O himeneu é a rosa, rainha dos vergéis, abrindo as pétalas rubras, para amenizar os cardos, os abrolhos, os espinhos da vida! (p. 118).

Por entre os risos, as comoções e as lágrimas dos convivas do tenente Porfírio, podemos observar certos comentários elucidativos de parte do narrador, como:

A estas palavras a assembléia seria cruel se não aplaudisse. O aplauso não atrapalhou o orador, pela simples razão de que ele sabia o discurso de cor (p. 117).

No conto “A parasita azul”, os comentários do narrador a respeito das habilidades e qualidades do major Brás, orador de sobremesa, fazem lembrar de muitos outros, mas algumas coisas tornam este senhor singular, único:

A facilidade com que ele se exprimia não tinha rival em toda a província. Além disso, era dotado de descomunal estatura, dominava de tal modo o auditório, que o simples levantar-se era já meio triunfo (p. 60).

Muitas outras personagens machadianas trazem consigo certas marcas de individualidade e singularidade, como podemos notar no rapaz do nariz comprido, do conto “Ernesto de tal”:

A graça, por exemplo, com que ele metia o dedo polegar da mão esquerda no bolso esquerdo do colete, brincando depois com os outros dedos como se tocasse piano, era de todo ponto inimitável (p. 135).

Há a possibilidade de haver duas, ou mais, histórias correntes na ficção de Machado de Assis, envolvendo os “leões impetuosos” e os “cordeiros pacatos”; uma, aquela observada por leitores românticos, desatentos, benévolos, emotivos, confiantes nas conquistas e realizações das jovens promessas políticas, poéticas e científicas; a outra, observada por leitores que riem, gargalham, atentos, na espreita por uma nova *prosa que faça rir*.

5. Romancistas, dramaturgos e contistas

Os romancistas, contistas e/ou dramaturgos que circulam pela ficção machadiana estarão representados aqui pelos senhores Lopo Alves, o coronel Borges e Xavier.

No conto “A chinela turca”, aquele bacharel Duarte, autor do nó de gravata mais teso e correto de 1850, não imaginava o que o aguardava, graças à visita do major Lopo Alves. As poucas palavras do diálogo abaixo deixam claro um fato presente em vários textos machadianos: a pomposidade, a vaidade e o auto-elogio dos falantes, diante do martírio e suplício de seus indefesos ouvintes.

- Dou-lhe uma notícia, que certamente não espera. Saiba que fiz... fiz um drama.
- Um drama! exclamou o bacharel.
- Que quer? Desde criança padeci destes achaques literários. O serviço militar não foi remédio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força dos primeiros tempos. Já agora não há remédio senão deixá-la, e ir simplesmente ajudando a natureza (p. 123).

No conto “Aurora sem dia”, como veremos adiante, o dr. Lemos cumpre o papel do bacharel Duarte; e Luís Tinoco, o de Lopo Neves.

O ouvinte desses jovens escritores falantes radiantes, esperançosos e sonhadores, no conto “O anel de Polícrates”, é o próprio narrador. Um certo anel, colocado em um certo dedo, traria ao mundo um novo conto, conforme apresentado abaixo:

Um dia só, e foi então que me contou o caso digno de memória. Tão contente que ele estava nesse dia! Jurou-me que ia escrever, a propósito disto, um conto fantástico, à maneira de Edgard Poe, uma página fulgurante, pontuada de mistérios – são as suas próprias expressões – e pediu-me que o fosse ver no dia seguinte (pp.223-4).

Talvez não fosse necessário relembrar os nomes desses pobres mortais que vieram a este mundo para ouvir tantos disparates: o dr. Lemos, o bacharel Duarte, e, agora, o próprio narrador.

Desconfiamos de uma postura que se repete nos textos machadianos, de **Contos fluminenses** a **Memorial de Aires**: o texto flui generoso e irônico, mesmo agressivamente, quase indiferente, diante das alegrias e tristezas, conquistas e fracassos humanos.

Em **Quincas Borba**, encontramos uma passagem que pode fornecer algumas pistas no sentido de adentrarmos aos segredos da ficção de Machado de Assis, mais precisamente aqueles relacionados à *coincidência dos contrários*, apontada por Flávio Loureiro Chaves, no curso “A ficção de Machado de Assis”, em 1991:

E enquanto uma ri, outra chora; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando, seria monótono, tudo rindo – cansativo (p. 89).

Os risos e as lágrimas podem ser vistos juntos, no conto “Valério”, graças a um certo deputado:

O deputado sorriu. O sorriso é a elasticidade aplicada à conversação; diz tudo e nada; isto e aquilo; o mau e o bom; confessa e nega; aceita e recusa (p. 27).

Não certos de quase nada, poderíamos apresentar mais um quadro sugestivo na perseguição às pistas oferecidas pelo autor de **Dom Casmurro**: os paradoxos estariam representados graficamente, nas figuras dos leões impetuosos, das águias e dos gaviões, bem como dos cordeiros pacatos, dos frangos rasteiros e das pombas. O caminho é longo, oblíquo e dissimulado, até que se consuma a passagem de leão a cordeiro, de águia a frango e de gavião a pomba. Favor não incluir, para “dissimulado”, os sinônimos “hipócrita” e “falso”, no universo do presente ensaio.

Quem sabe, aquele senhor, do conto “Teoria do medalhão”, que aconselhava substituir a ironia, “feição própria dos cétricos e desabusados”, pela chalaça, “a nossa boa chalaça, amiga, gorducha”, não esteja à sombra daquele outro senhor, o Conselheiro Aires, assim apresentado em **Esau e Jacó**:

Não me demoro em descrevê-lo. Imagina só que trazia o calo do ofício, o sorriso aprovador, a fala branda e cautelosa, o ar da ocasião, a expressão adequada, tudo tão bem distribuído que era um gosto ouvi-lo e vê-lo (p. 52).

(Alguns críticos, ditos leitores de Machado de Assis, parecem não ouvir nem ver, ao surgirem tão insossos, aleatórios e divagantes).

No mesmo romance, encontramos uma outra passagem que permite uma certa confiança ou uma segurança maior nessa busca de pistas e enigmas machadianos. O narrador oferece até

... um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro (p. 57).

No conto “Valério”, temos um outro homem das letras, propenso a grandes saltos e radiantes achaques literários, o coronel Borges, autor da obra **Abaixo as máscaras**. Há um certo mistério em relação ao gênero da sua obra. O que sabemos passa pelas palavras do narrador e pelo diálogo entre o coronel e sua esposa. As impressões do novo escritor são vistas nas palavras do narrador, incondicionalmente:

Pegou na pena e escreveu um livro de duzentas páginas em que dizia coisas do arco da velha ao governo e ao país (...) e aguardava

ansiosamente o dia em que aparecesse a obra e fizesse pasmar o mundo literário (pp.27-8).

O leitor atento e sagaz vislumbrou nas palavras acima a presença de uma certa ambigüidade. O fragmento pode ser utilizado para ilustrar este tema, dos escritores, e um outro, o dos políticos.

O diálogo, posterior às expectativas do coronel, não deixa dúvidas: os risos e as lágrimas devem mesmo acompanhar o ser humano em todos os tempos e lugares.

- Olha lá, meu André, não te vás meter em trabalhos...
- Que trabalhos, Luiza?
- Eu sei! Descompor o governo! Não te podes arriscar a ser preso?
- Isso não me há de acontecer, por desgraça minha! Obter a palma do martírio! Não, não sou tão feliz! (p. 28).

Nenhum mundo, literário ou político, esboçou qualquer pasmo. Aquele narrador com ares que o aproximam do Conselheiro Aires nos diz que a indiferença era geral, conforme podemos ver na passagem abaixo:

No dia em que o folheto apareceu, o coronel passou toda a manhã na rua do Ouvidor, conversando com algumas pessoas a respeito do acontecimento do dia. O acontecimento até então estava na imaginação do autor da obra... os exemplares começaram a correr o mundo. Mas poucos tinham tido tempo de folhear apenas algumas páginas (p. 33).

Não se tratava de romance de cunho literário, nem romance de cunho político; a obra não passava de um folheto, apenas.

6. Poetas

No romance **Esau e Jacó**, o capítulo “O terceiro” trata exatamente dos achaques poéticos de Gouveia, amanuense, oficial e candidato a poeta, terceiro pretendente de Flora. Quando sonhador e esperançoso, mais precisamente, quando amanuense, escrevia versos, desistindo da árdua e nobre tarefa quando nomeado oficial. Segundo comentários do narrador, aos primeiros sinais da paixão, o oficial cedeu lugar ao poeta. O quadro apresentado pela jovem promessa revelava-se assim:

Consigo, em casa da mãe, gastava papel e tinta a metrificar as esperanças. Os versos escorriam da pena, a rima com eles, e as

estrofes vinham seguindo direitas e alinhadas, como companhias de batalhão; o título seria o coronel, a epígrafe a música, uma vez que regulava a marcha dos pensamentos. Bastaria essa força à conquista? Gouveia imprimiu alguns em jornais, com esta dedicatória: *A alguém*. Nem assim a praça se rendia (p. 350).

Do fragmento acima, vale destacar que o poeta parece escrever sob o olhar e a voz do oficial. Quanto ao rendimento ou não da praça, lemos o final do capítulo:

O oficial queria abrigar-se da chuva, o amanuense queria apanhá-la, isto é, o poeta renascia contra as intempéries, sem medo ao mal, prestes a morrer por sua dama, como nos tempos da cavalaria. Guarda-chuva era ridículo; poupar-se à constipação desmentia a adoração. Tal foi a luta e o desfecho; venceu o amanuense, enquanto a chuva ia pingando grosso, e outra gente passava, abrigada e depressa. Flora entrou e fechou a janela. O amanuense esperou ainda algum tempo, até que o oficial abriu o guarda-chuva e fez como os outros. Em casa achou a triste consolação da mãe (p. 353).

Leitor dos poemas de Luís Tinoco, autor de “Uma flor pálida”, “À beira de um túmulo” e **Goivos e Camélias**, o narrador adverte:

Os versos falavam de tudo, da morte e da vida, das flores e dos vermes, dos amores e dos ódios; havia mais de oito ciprestes, cerca de vinte lágrimas e mais túmulos do que um verdadeiro cemitério (p. 181).

Esses versos foram gerados pelas entranhas de um jovem promissor e “impetuoso poeta”, que assim reagia diante de seus inimigos, em palavras confidenciais confiadas ao Dr. Lemos:

Ah, meu caro amigo, dizia ele no caminho; não imagina quantos invejosos andam a denegrir o meu nome. O meu talento tem sido o alvo de mil achaques... A posteridade é a vingança dos que sofrem os desdêns do seu tempo (p. 180).

E para que a *coincidência dos contrários* mantenha-se resoluta na ficção machadiana, apresentamos um outro comentário do narrador a respeito dos afazeres, tanto do homem quanto do poeta:

Os jornais andavam cheios de produções suas, umas tristes, outras alegres, não daquela tristeza nem daquela alegria quem vem

diretamente do coração, mas de uma tristeza que fazia sorrir, e de uma alegria que fazia bocejar (p. 177).

Em **Memorial de Aires**, podemos encontrar uma das explicações para tantos desencontros entre intenção e ação. A passagem de “leão impetuoso” para “cordeiro pacato”, ou a vida dos esperançosos mancebos trazia uma marca inconfundível: Vontade sem ação, veleidade pura (p. 59).

7. Conclusão

Na década de 70, em Veranópolis, nas aulas de História, o professor Júlio Bianchi deixou marcados para sempre três adjetivos relacionados aos doze césores: ímpios, cruéis e devassos. Naturalmente, Nero e Calígula encabeçavam aquela lista. Assim, os imperadores passavam a ser adjetivos assustadores. Muitos outros heróis da Antigüidade foram revelados perversos, tiranos e sanguinários.

Muitas ruas e escolas do Brasil recebem nomes de homens famosos, verdadeiros heróis da pátria. Com o passar do tempo, e as modificações das impressões humanas, alguns deles revelaram-se não tão nobres, justos e leais como contavam os livros didáticos.

As grandes figuras da História – generais, almirantes, duques, inconfidentes, abolicionistas, modernistas, revolucionários, entre outras, cumprem didaticamente o papel dos “leões impetuosos”, das “águias” e dos “gaviões”; quando revelados ímpios, cruéis e devassos, passam para o quadro dos “cordeiros pacatos”, “frangos rasteiros” e “pombas”, praticamente esquecidos ou proibidos.

Todas as ambições, todos os sonhos, promessas e intenções revelam-se apenas motivo para o riso. Poderíamos afirmar que essa *passagem*, do “leão impetuoso” para o “cordeiro pacato”, por exemplo, é justificada pelas palavras do próprio ficcionista, em seus comentários a respeito da personagem Sofia, de **Quincas Borba**:

Era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas (p. 69).

Uma passagem de um outro romance, **Esaú e Jacó**, surge harmoniosa, ao expresso na linha de pensamento apresentada acima:

... o tempo é um rato roedor das coisas, que as diminui ou altera no sentido de lhes dar outro aspecto (p. 85).

Muito distante das previsões de especuladores, experimentalistas, ou estudiosos especialistas está a possibilidade do senhor Machado de Assis deixar escapar das suas mãos o cabo do chicote.

8. BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Jackson, 1937. V. 2.
_____. *Histórias da meia-noite*. Rio de Janeiro: Jackson, 1951.
_____. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Jackson, 1937.
_____. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Jackson, 1937.
_____. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938.
_____. *Várias histórias*. Rio de Janeiro, Jackson, 1955.
_____. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: Jackson, 1937.
_____. *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938. 2 V.
_____. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Jackson, 1937.
- BAKHTIN, Mikhail. “Rabelais e a história do riso”, *in: A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*, 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- BAUDELAIRE, Charles. *O poema do haxixe*. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.
- FISCHER, Luís Augusto. “Crônica dos vinte anos: estudo sobre as crônicas editadas em 1859”, *in: Espelho – revista machadiana*, Porto Alegre, n. 2, 1996.
- _____. “Contos de Machado: da ética à estética”, *in: Machado de Assis – uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.
- MACHADO, Alcântara. *Novelas paulistanas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.